



HERBERT DANIEL E AS POLÍTICAS PÚBLICAS SOBRE HIV/AIDS

Eixo Temático EIXO 52 - GÊNERO E SEXUALIDADE EM FOCO: INTERSECCIONALIDADE E DESAFIOS DE POPULAÇÕES MARGINALIZADAS E ESTIGMATIZADAS

Marcus Antônio Assis Lima ¹

RESUMO

A trajetória de Herbert Daniel é um testemunho contundente da importância da luta pelos direitos humanos no Brasil. Sua vida, marcada por um incansável ativismo político, se entrelaça com dois dos maiores desafios enfrentados pelo país no século XX: a ditadura militar e a epidemia de HIV/AIDS. Durante os anos de chumbo, Daniel foi um dos muitos brasileiros que se opuseram à repressão e à censura. Como membro do PCdoB, participou ativamente da resistência, organizando e mobilizando a sociedade civil contra o regime militar. Sua atuação na clandestinidade e sua disposição em enfrentar as consequências de suas ações demonstram seu profundo compromisso com a democracia e a liberdade. No entanto, foi com a chegada da epidemia de HIV/AIDS que Herbert Daniel encontrou um novo campo de batalha. Diagnosticado com o vírus em um momento em que a doença era cercada por um estigma imenso, ele não se deixou abater. Ao contrário, transformou sua experiência pessoal em uma luta coletiva, tornando-se uma voz poderosa na defesa dos direitos das pessoas vivendo com HIV/AIDS. Daniel compreendia que a AIDS era muito mais do que uma doença. Era um problema social que exigia uma resposta urgente e complexa. Ele denunciava a discriminação e a exclusão social sofridas pelas pessoas infectadas, defendendo a necessidade de um tratamento humanizado e de políticas públicas que garantissem o acesso à saúde e aos direitos. Suas propostas para as políticas de prevenção à AIDS eram inovadoras e desafiadoras para a época. Daniel defendia a importância da educação sexual, da distribuição de preservativos, do diagnóstico precoce e do tratamento universal. Ele também alertava para os riscos da criminalização da epidemia e da homofobia, argumentando que essas atitudes apenas agravavam a situação. Através de seus escritos, palestras e atividades na Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS (ABIA), Herbert Daniel contribuiu significativamente para a construção de um movimento social forte e organizado em torno da questão da AIDS. Seu legado continua a inspirar ativistas e pesquisadores em todo o país, que seguem trabalhando para garantir os direitos das pessoas vivendo com HIV e para erradicar o preconceito e a discriminação. A vida e a obra de Herbert Daniel são um exemplo de como a luta por justiça social pode transformar vidas e mudar a história. Sua coragem, sua inteligência e sua humanidade são um farol para todos aqueles que buscam um mundo mais justo e igualitário.

¹ Professor Pleno, Programa de Pós-graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens (PPGCEL/UESB) malima@uesb.edu.br.



Palavras-chave: Pessoas vivendo com HIV/AIDS. ABBIA. Ativismo.

INTRODUÇÃO

Este texto aborda a vida de Herbert Daniel como soropositivo, de 1989 a sua morte em março de 1992. Daniel escreveu muitos artigos sobre a AIDS, concentrando-se na construção da persona "pessoa que vive com o vírus", que contribuiu para reformular a identidade do sujeito soropositivo, anteriormente referido como "aidético" (DANIEL, 1991, p. 6). Herbert afirma que a experiência das pessoas dentro de uma classificação não é totalmente influenciada pelas classificações que surgiram em um determinado momento. Ele também fala sobre o transtorno de múltiplas personalidades, que é quando as pessoas podem pedir ajuda pensando que sofrem de uma doença. Ele afirma: "Cheguei à conclusão que meu primeiro e fundamental tratamento é sentir-me cidadão da minha época." (DANIEL, 1991, p. 4).

A política, sua homossexualidade e as interações com a mídia influenciaram a maneira como Daniels administra sua identidade. Além disso, ele reconheceu que a doença causava uma perturbação em sua experiência de vida e que essa medida foi adequada para entender sua nova situação como soropositivo (DANIEL, 1991, p. 16). Ele também destacou o papel das mídias, especialmente como a televisão pode ajudar as pessoas a aprenderem sobre a AIDS, destacando a importância da comunicação de massa e como a televisão afeta a forma como as pessoas pensam e se relacionam com a doença. Para Cláudio Dias, Herbert Daniel também fala sobre como a televisão afeta a maneira como as pessoas vivem e reagem à doença. (DIAS, 2012).

O "Aidético", ou "aquele que vai morrer", é um estudo abrangente do valor da vida e da morte biológica. O "aidético", uma pessoa com características exclusivas, principalmente homossexuais, tornou-se um assunto novo com o surgimento da AIDS. Como ele escreveu: "É duro curar-se das palavras. Pronunciada, a palavra gera o efeito. Desinventar seus efeitos: é hoje talvez a maior função da educação e da informação sobre a epidemia do HIV. Reduzir a epidemia ao que ela é: uma doença como todas as

IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade

outras" (DANIEL, 1991, p. 6). Na época, a doença avançava, o "aidético" começou a ser considerado um general, capaz de ser tratado por especialistas e voltar à normalidade. Daniel ficou inicialmente inseguro por seu companheiro Claudio, que era considerado um "promíscuo" (DANIEL, 2021). A realização o transformou em um pânico e uma forma de injustiça sem recursos. Daniel sentiu a dor de seu amor por Cláudio, e ele sentiu o limite de sua morte. Daniel, como médico, reconheceu a existência de uma morte certa, mas começou a se perguntar mais sobre a morte biológica. Em uma entrevista ao programa "Manchete Urgente", Daniel disse que temia perder sua vida, mas aprendeu que era mais sobre perdendo seu amor do que outros (DIAS, 2012). Daniel teve experiências com AIDS e desejava viver uma vida livre de sofrimento, o que o ajudou a entender o "aidético" e a importância de valorizar a vida. Sua compreensão do valor da vida e da importância de dar amor e apoio aos que sofrem com a doença mostra o poder do amor e da assistência (DANIEL e RICHARD PARKER, 1991).

Herbert Daniel, um brasileiro que sobreviveu ao HIV e ativista, nunca reconheceu a morte biológica dos humanos. Segundo ele, “/.../ o mundo iria sucumbir diante da epidemia da AIDS, a grande notícia é a CURA. Esperemos todos. Ela virá. Seguramente, nos próximos anos. Lenta, gradual, transformando a AIDS (a doença) no que ela se torna no dia a dia: uma doença crônica de longa evolução, de tratamentos complexos, múltiplos e variados” (DANIEL e PARKER, 1991, p. 4). Ele pensou que sua morte era causada pela AIDS, não pela doença soropositiva. Daniel acreditava que a AIDS era uma construção social complexa que resultou em ostracismo, prisão e banimento, que em última análise resultou em uma "morte civil" onde todos os direitos humanos foram negados: “Foi aí que comecei a ter aids, múltiplas” (DANIEL, 1991, p. 7). Ele acreditava que a exploração do espírito humano levou à morte dos humanos e que o único meio de escapar disso era viver intensamente e viver no presente. Ele acreditava que a morte do ser humano representava não apenas um risco na jornada humana, mas também uma compreensão da importância de viver no presente. Para Daniel, “A vida tem que ser algo que quando termine mereça comemoração” (DANIEL, 1991, p. 10). O conceito de que o espírito humano é uma

IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde Pública e Cidadania

força imutável e constante que põe o ser humano para a base de Daniel para sua afirmação de que o ser humano morre. Ele acreditava que a morte de um ser humano é uma parte eterna e inevitável da existência, e é nossa obrigação viver neste momento. “Neste exato momento não sei mais a diferença entre AIDS e morte, /.../ mas não é AIDS não; é preconceito!” (DANIEL, 1991, p. 14).

A luta por políticas públicas contra a Aids e de apoio aos soropositivos

Daniel, um paciente brasileiro com AIDS, lutou contra o termo "aidético", que ele considerava um soropositivo que morreu devido ao desmaio. Ele criou as frases "tenho AIDS e estou vivo" e "viva a vida", que se tornaram os lemas do Programa Internacional de AIDS. Daniel também adotou a ideia de "morte civil", que estava presente em seus escritos após 1989. Daniel afirmou que o paciente sofria de uma síndrome de "morte em vida", pelo menos no Brasil. Ele disse que o termo "aidético" era usado para enfatizar as características da doença no custo do paciente.

A orientação segura é garantir que o primeiro elemento da luta contra a AIDS, tanto do ponto de vista individual quanto coletivo, é o absoluto respeito aos direitos humanos da pessoa com HIV. /.../ A falta de conhecimento específico sobre a doença, associada a idéias recebidas de manuais generalistas, mais uma dose de arrogância, tudo isso matou muita gente. /.../ A ausência até hoje de uma estratégia nacional integrada de combate à epidemia, substituída por iniciativas deslocadas e impertinentes, como campanhas terroristas ou bobinhas na televisão, e mentiras ditas em tom acadêmico, tem produzido os mais monstruosos efeitos colaterais. (DANIEL, 1991, p. 15).

Daniel definiu "morte civil" como a pressão para que o estado, a sociedade e outras partes procurassem explorar as chances de uma vida civil para o paciente soropositivo. Daniel considera que a sociedade impôs a "morte civil" ao "aidético" em vários momentos diferentes na sociedade brasileira: “/.../o pior efeito colateral é a morte civil, a ausência de direitos básicos à vida e à saúde.” (DANIEL, 1991, p. 16). Um desses exemplos é a distribuição de AZT, que ele acreditava apenas prolongar a vida do paciente por um curto período. Além disso, ele reconheceu os efeitos prejudiciais do AZT, incluindo a ilusão de ser uma droga "terminal" e o tratamento ineficaz para a AIDS. Daniel se opõe ao termo "aidético" e ao conceito de "morte civil", pois demonstra sua dedicação a defender os direitos dos pacientes com HIV positivo e a lutar contra a discriminação e o preconceito. “Lembremo-nos que os jovens de hoje são a primeira geração a começar a vida sexual tendo diante de si a realidade inventa e as fantasias da

IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade

AIDS. Por tudo isso, é preciso enfrentar a epidemia do HIV, também uma epidemia de medo, ignorância, preconceito, violência e discriminação". (DANIEL, 1991, p. 19).

O termo "morte civil" foi usado para descrever a falha do governo em fornecer medicamentos para AIDS a pacientes com AIDS, afirmando que isso era um crime: "Porque esta é uma morte civil, travestida de diagnóstico médico, de prognóstico sombrio. Esta venceremos! Abriremos no horror a fenda. Viva". (DANIEL, 1991, p. 20). Herbert Daniel disse que o governo não estava presente para distribuir medicamentos e que ele era responsável pela tragédia e exigia ação imediata. Além disso, ele generalizou a "culpa" e pediu aos governos que entendessem que a AIDS pode ser tratada e que métodos adequados, como fornecer medicação ao público, poderiam dar cidadania e respeito aos que sofrem com o HIV.

"Assim, a homossexualidade deixou de ser vista, pela medicina, como doença, mas passou a ser considerada sutilmente como fonte de doenças: de patologia passou a ser considerada condição patogênica. /.../ Toda divulgação dada à doença centrou-se em três aspectos até agora: ela é contagiosa, incurável e mortal. Esses são, de fato, três mitos que originam as mais deformadas e deformadoras visões da epidemia. Além dos vírus identificados como agentes causais da epidemia, um vírus ideológico espalhou-se de forma mais generalizada e incontida." (DANIEL, 2021, p. 41).

Daniel, um jovem homem com AIDS, sentiu que o governo estava agindo contra os soropositivos porque acreditava que eles ameaçavam a dignidade e a inteligência do país. Ele participou de um governo que lutou contra a AIDS e foi criticado por ser um "auxiliar" que afirmou que não havia cura para a doença. Daniel pensou que participar de um filme que era como se fosse um decreto de morte civil para os soropositivos era um absurdo exemplo de desespero e estupidez humana.

"De um momento para o outro, o simples fato de dizer "eu estou vivo" tornou-se um ato político. Afirmar minha qualidade de cidadão **perfeitamente vivo** é uma ação de desobediência civil. /.../ Eu, por mim, descobri que não **sou** "aidético". Continuo sendo eu mesmo. **Estou** com Aids. Uma doença como muitas doenças, coberta de tabus e preconceitos. Quanto a morrer, não morri: sei que Aids pode matar, mas sei melhor que os preconceitos e a discriminação são muito mais mortíferos". (DANIEL, 2021, p. 21, negritos no original).

Herbert Daniel e Richard Parker também criticaram a área médica.

"No entanto, o preconceito tem muitas caras. Hoje, há uma tendência, quando se tenta democratizar a informação sobre a AIDS, de *des-homossexualizar* a epidemia,



IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade



como se não houvesse generalização para aqueles que correm os homossexuais, como se já houvesse terminado a epidemia entre homens que mantêm relações sexuais com outros homens.” (DANIEL e RICHARD PARKER, 1991, p. 11, itálicos no original).

Herbet Daniel disse que os médicos eram mais terroristas do que cientistas e não estavam preparados para lidar com pessoas, pacientes ou até assassinos. Ele afirmou que o medicamento fortaleceu a acusação de "morte civil" contra o soropositivo e destruiu a noção de medicalização. Daniel sentiu que era tratado como um monstro e que a hierarquia médica, liderada por especialistas em desumanização, o dominava. Ele acreditava que era essencial liberar outros pacientes da SIDA e lutar pela justiça e igualdade.

Assim, a homossexualidade deixou de ser vista, pela medicina, como doença, mas passou a ser considerada sutilmente como fonte de doenças: de patologia passou a ser considerada condição patogênica. /.../ Toda divulgação dada à doença centrou-se em três aspectos até agora: ela é contagiosa, incurável e mortal. Esses são, de fato, três mitos que originam as mais deformadas e deformadoras visões da epidemia. Além dos vírus identificados como agentes causais da epidemia, um vírus ideológico espalhou-se de forma mais generalizada e incontida. (DANIEL, 2021, p. 41).

Uma ética da solidariedade

Daniel, um médico brasileiro, afirma que a AIDS tem chamado a atenção da medicina ocidental, afirmando que a doença infecciosa havia sido negligenciada no passado. Ele enfatiza o fato de que outros médicos praticam a medicina democrática, tratando os pacientes como participantes do tratamento, em vez de vítimas. Daniel critica a Igreja católica por defender o vírus e não as pessoas que são atacadas, embora eles promovam a prevenção e mais informações sobre a doença. Além disso, ele critica a maneira como a sociedade trata os soropositivos, dizendo que as pessoas que tratam pacientes com AIDS tentam fugir de sua nova condição, fazendo autoexame, internalizando e aceitando crenças preconcebidas e isolando-se.

Alguns trechos extraídos de textos de Herbert Daniel, embora longos, ajudam a compreender essa “ética da solidariedade” proposta:

“Medidas eficazes contra a epidemia de HIV passam por medidas concretas no combate ao vírus ideológico. Isto significa: informação correta, ações eficientes, desmitificação do medo, esvaziamento dos preconceitos, exercício permanente da solidariedade. /.../ Antes da morte biológica, a morte civil, a pior forma de ostracismo que pode suportar um ser humano.” (DANIEL, 2021, p. 41-42).



IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade

Gênero, Saúde e Sustentabilidade



“Costumam falar que o meu corpo é como um rodoviário, cheio de chegadas promissoras e partidas para as mais formidáveis e apaixonadas estradas dos viventes. Não tenho **sobrevida**; tenho uma vida de sobra, a única da qual poderei deixar o rastro de uma paixão que sempre moveu em mim alguma coisa imóvel que se enraizou no fundo de um lugar que eu costumava chamar de peito, mas que sei que fica além de qualquer coração”. (DANIEL, 2021, p. 44, **negrito no original**).

“Contra essa simplificação, de amplos efeitos sociais, é preciso um esforço de educação e informação, onde não pode faltar a voz dos doentes e dos soropositivos. Isto porque estes têm uma experiência vital que contraria de forma contundente a “definição mínima” e se choca contra velhos preconceitos e novas discriminações”. (DANIEL, 2021, p. 45).

Daniel acha que os discursos preconceituosos e discriminatórios dirigidos aos soropositivos devem ser evitados. Ele fala sobre a ideia de que o novo nome da morte deveria ser "ajudas", que são discursos preconceituosos e discriminatórios destinados a atacar os soropositivos. Ele acredita que a morte não é a SIDA, mas assistência, e que isso é necessário para distinguir as duas. Ele exige mudanças no modo como as pessoas veem o AIDS e a morte de pessoas que são soropositivas.

“Homossexuais ou não, o maior sofrimento porque passam é o que decorre do preconceito. /.../ O doente de Aids torna-se um ser sem nome nem história. É preciso tirá-lo da escuridão da clandestinidade para que possam dizer em plena luz: “este é meu nome, esta é minha história”. Muito menos do que “assumir” um “ser” ou um “estado”, essa ação será uma forma coletiva de escrever, de forma mais democrática, **nossa história**”. (DANIEL, 2021, p. 41, **negritos no original**).

Daniel, um líder conhecido na luta contra o HIV, enfatizou a importância de falar positivamente sobre o HIV e sua natureza "letal". Ele conduziu entrevistas, escreveu vários artigos e apareceu em programas de televisão como Globo Repórter e Manchete Urgente. Daniel tentou acabar com as ideias predominantes sobre o VIH e lutar contra o abuso sexual. Ele acreditava que algumas pessoas que se opôs ao VIH usaram violência e renegaram seus direitos básicos, o que levou à clandestinidade.

“Para muitos, o pior não é a doença; é a necessidade de se revelar homossexual. De um modo patético, o doente de Aids é obrigado a revelar a forma de sua contaminação. É a transformação do diagnóstico numa denúncia. Mesmo o doente que não se contamina por via sexual vê-se constringido a se “diferenciar”, a insistir permanentemente para que não o confundam com aqueles que têm...a mesma doença que os atinge!” (DANIEL, 2021, p. 46-47).



IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade

“Homossexuais ou não, as pessoas que vivem com o vírus da Aids passam por preconceito. O doente de Aids torna-se um ser sem nome nem história. É preciso tirá-lo da escuridão da clandestinidade para que possam dizer em plena luz: “este é meu nome, esta é minha história”. Muito menos do que “assumir” um “ser” ou um “estado”, essa ação será uma forma coletiva de escrever, de forma mais democrática, **nossa história.**” (DANIEL, 2021, p. 47, **negrito no original**).

“O doente é apenas uma pessoa mais fragilizada, que deve ter certos cuidados. Mas quantas pessoas não são assim desde que nascem, e vivem com este fato até a velhice? Portanto, o doente de Aids não é um moribundo, e nem um inválido. É só uma pessoa com uma doença (muito séria, sim) como qualquer outra doença – precisa de cuidados – e, sobretudo, precisa saber que está vivo e deve continuar a pensar, planejar, criar, se divertir e trabalhar.” (DANIEL, 2021, p. 54).

Em relação à AIDS, as pessoas não devem ser exiladas, mas também não devem aceitar outros "inimigos", como pobreza, miséria e abstinência. Daniel argumentou que, para evitar as duras verdades da guerra contra o HIV, uma pessoa que se comporta bem deve ser um "cadáver" incômodo. O processo de aceitar estigmas ancestrais da mitologia sobre o SIDA, incluindo sua natureza de "contagiosa, incurável e mortal". Daniel apresentou uma maneira realista de superar esses estigmas e promover uma sociedade mais justa e compassiva.

“Esconder ou obscurecer qualquer fato relativo à epidemia de AIDS é seguramente favorecer seu espraiamento. Não se trata de “valorizar” alguma via de transmissão da epidemia mais do que outras. Trata-se de compreender toda a dinâmica da epidemia e estar atento onde o preconceito gera entraves ou simplesmente abre portas para o vírus.” (DANIEL e RICHARD PARKER, 1991, p. 11).

Resumo à guisa de conclusão

Este texto abordou a vida de Herbert Daniel como soropositivo, de 1989 até sua morte em março de 1992. Daniel, ativista incansável, deixou um legado marcante ao escrever sobre a AIDS, enfocando a construção da persona "aidética" e o "efeito de loop" que redefiniu a identidade individual (DANIEL, 1991, p. 6). Daniel enfatizou que a experiência das pessoas dentro de uma classificação não é totalmente influenciada pelas categorizações que surgiram em um determinado momento. A política, sua homossexualidade e as interações com a mídia moldaram a maneira como Daniel administrava sua identidade. Ele reconheceu que a doença causava uma perturbação



IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade



em sua experiência de vida e que não, de fato, sua condição como soropositivo era crucial (DANIEL, 1991, p. 16). Daniel também criticou a disseminação de desinformação sobre a AIDS, argumentando que era essencial "desinventar" os estigmas e efeitos das palavras através da educação e da informação correta (DANIEL, 1991, p. 6). Seus escritos enfatizaram a importância da televisão na educação sobre a AIDS, destacando como a mídia influencia a percepção e o comportamento das pessoas em relação à doença (DANIEL, 1991, p. 41). Ao longo de sua luta, Daniel enfrentou o estigma do termo "aidético" e defendeu o direito dos soropositivos de viverem com dignidade. Ele afirmou: "Não sou 'aidético'. Continuo sendo eu mesmo. Estou com AIDS. Uma doença como muitas doenças, coberta de tabus e preconceitos." (DANIEL, 1991, p. 21). Daniel acreditava que a morte civil, a negação dos direitos humanos básicos aos soropositivos, era um dos efeitos mais prejudiciais da epidemia (DANIEL, 1991, p. 16). Ele lutou incansavelmente contra essa forma de ostracismo e defendeu a implementação de políticas que respeitassem os direitos dos pacientes com HIV. Sua compreensão do valor da vida e da importância de dar amor e apoio aos afetados pela doença mostram o poder do amor e da solidariedade em tempos de crise (DANIEL, 1991, p. 30). Em suma, Herbert Daniel não apenas desafiou os estigmas associados à AIDS, mas também inspirou mudanças significativas na forma como a sociedade encarava e respondia à epidemia. Sua voz continua a ressoar como um lembrete poderoso da necessidade de respeitar a humanidade e os direitos das pessoas vivendo com HIV.

Referências

- DANIEL, HERBERT. In: DANIEL, HERBERT; RICHARD PARKER. *Aids, a terceira epidemia*. Rio de Janeiro: IGLU, 1991. p. 115-123.
- DANIEL, HERBERT. A Aids é um tigre de papel.higiênico. In: DANIEL, HERBERT; RICHARD PARKER. *Aids, a terceira epidemia*. Rio de Janeiro: I|GLU, 1991. p. 81-101.
- DANIEL, HERBERT. A síndrome de nossos dias. In: DANIEL, HERBERT; RICHARD PARKER. *Aids, a terceira epidemia*. Rio de Janeiro: IGLU, 1991. p. 115-123.
- DANIEL, HERBERT. Aids no Brasil: a falência dos modelos. In: DANIEL, HERBERT; RICHARD PARKER. *Aids, a terceira epidemia*. Rio de Janeiro: IGLU, 1991. p. 31-52.
- DANIEL, HERBERT. Anotações à margem do viver com Aids. In: LANCETTI, Antonio. *Saúde e Loucura*. 2. ed. Rio de Janeiro: HUCITEC, v. 3, 1991. p. 3-20.
- DANIEL, HERBERT. O primeiro aZT a gente nunca esquece. In: DANIEL, HERBERT; RICHARD PARKER. *Aids, a terceira epidemia*. Rio de Janeiro: IGLU, 1991. p. 124-127.
- DANIEL, HERBERT. *Vida antes da morte*. 4. ed. Rio de Janeiro: ABIA, 2021.

IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro, Educação em Sexualidade

Gênero, Saúde e Sustentabilidade

DANIEL, HERBERT; PARKER, RICHARD. *Aids, a terceira epidemia*. São Paulo: IGLU, 1991.

DANIEL, HERBERT; PARKER, RICHARD. Introdução. In: DANIEL, HERBERT; PARKER, RICHARD. *Aids, a terceira epidemia*. Rio de Janeiro: IGLU, 1991. p. 9-12.

DIAS, CLÁUDIO J. P. *A trajetória soropositiva de Herbert Daniel (1989-1992)*. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde, 2012.

GREEN, JAMES. *Revolucionário e gay: A extraordinária vida de Herbert Daniel – Pioneiro na luta pela democracia, diversidade e inclusão*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.